



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

KARLA FARLENN PEREIRA DOS SANTOS

**A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS COMO AUXÍLIO DA HABILIDADE DA
ESCRITA – EXPERIÊNCIAS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

MENÇÃO	SS
--------	----

Brasília/DF

2020

Karla Farlenn Pereira dos Santos

**A leitura de textos literários como auxílio da habilidade da escrita –
experiências da residência pedagógica**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras Português, na Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Brasília/DF

2020

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ser meu guia, meu escudo e minha luz nessa caminhada da vida.

Agradeço aos meus familiares por abraçarem as minhas ideias e por me ajudarem tanto. Em especial, agradeço ao meu bisavô Nelson Pereira, *in memoriam*, pelos ensinamentos, pelos cuidados e pelo amor de pai. Para sempre será a minha maior inspiração!

Agradeço aos colegas residentes por compartilharem essa jornada de conhecimentos comigo. Em especial, agradeço à Carla Guimarães por tanta dedicação com os nossos projetos. Você é uma grande Mulher!

Agradeço aos colegas que se tornaram amigos: à Alejandra, à Eucilene, ao Marcos, ao Vinícius, ao Marcelo e, em especial, ao Marcus Camargo pelas discussões enriquecedoras e pela parceria.

Agradeço aos amigos por cada incentivo e por serem compreensíveis a cada fim de semestre. Em especial, agradeço à minha amiga de infância Juliana Moreira por dividir essa vida de Brasília comigo e por todos os causos que vivemos. Você é guerreira!

Agradeço a todos os professores por tanta maestria. Em especial, agradeço à minha orientadora Adriana de Fátima por me mostrar as diversas possibilidades da literatura, por cada discussão/reunião que enriquece a minha alma leitora e por me fazer querer mais e mais. Você é inspiradora!

Agradeço à universidade por ser tão acolhedora e pelos programas de auxílio os quais possibilitaram a minha permanência na universidade e a conclusão deste curso.

Agradeço a todos os alunos que participaram das oficinas e que frequentavam o laboratório de literatura e escrita. Vocês foram essenciais para essas experiências acontecerem!

Agradeço à professora Lucimar Sampaio por toda recepção na escola e por ser essa profissional excepcional a qual eu admiro tanto.

Agradeço à minha cachorrinha Amora por ser tão fiel, por ser tão companheira e por ser essa dose diária de alegria em minha vida.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao Rodrigo por todo o companheirismo, por todo o carinho, por todo o incentivo e por trazer calma aos meus dias.

“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.”

(Paulo Freire)

Resumo

Este artigo trata das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas no ensino médio, na rede pública do Distrito Federal, durante a Residência Pedagógica (RP) – programa motivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). As atividades tiveram início em setembro de 2018 e foram encerradas em janeiro de 2020. Esse programa oportunizou aos licenciandos conhecer a estrutura da educação básica, vivenciar a prática escolar e consolidar a teoria com a prática profissional, além de ter proporcionado vínculos entre professores, licenciandos e alunos. Juntamente com a orientadora da instituição de ensino superior e com a preceptora da escola, foram planejadas atividades que trabalhassem a análise de textos literários para que, posteriormente, os alunos produzissem seus próprios textos. Para tanto, os trabalhos foram realizados por meio de oficinas, em turno contrário ao horário de aula dos alunos, o que permitiu mais diversificação nas atividades. Dessa forma, o programa contribuiu para o desenvolvimento profissional de licenciandos e também para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Literatura. Escrita. Docência. Vivências.

Abstract

This article deals with the didactic-pedagogical activities developed in high school, in the public educational system of the Federal District, during the Pedagogical Residence – program motivated by Capes. The activities started in September 2018 and ended in January 2020. This program provided graduates with the opportunity to learn about the structure of basic education, experience school practice, and consolidate theory with professional practice, in addition to providing links between teachers, graduates and students. Together with the guidance counselor of the higher education institution and the school preceptor, activities were planned to work on the analysis of literary texts so that, later, students could produce their own texts. For this purpose, the work was carried out through workshops, in shift contrary to the students' class hours, which allowed more diversification in the activities. In this way, the program contributed to the professional development of graduates and also contributed to the development of the students' reading and writing skills.

Keywords: Pedagogical Residence. Literature. Writing. Teaching. Experiences.

Sumário

Considerações iniciais.....	9
A potencialidade da literatura	9
Sobre o programa	12
Desenvolvimento das atividades e suas contribuições	13
Considerações finais	20
Referências	21

Considerações iniciais

Este artigo trata da integração entre ensino superior e ensino básico por meio do programa de Residência Pedagógica (RP), o qual permitiu que licenciandos da Universidade de Brasília (UnB) vivenciassem a prática escolar de setembro de 2018 a janeiro de 2020.

As atividades da RP foram desenvolvidas em escolas da rede pública do Distrito Federal, particularmente na região central (Plano Piloto). Aqui, serão relatadas experiências vivenciadas em uma dessas escolas, no caso, o Centro de Ensino Médio Paulo Freire. Nessa escola, nós, residentes, tivemos a oportunidade de participar do projeto Linguagens do Ser, um laboratório de leitura e escrita, no qual pudemos usar o método de oficinas, trabalhando com uma diversidade de textos e a combinação entre eles. Assim, a leitura dos textos literários proporcionou novos conhecimentos e momentos de compartilhamento e de criações.

Para tanto, este artigo está dividido em três partes. Na primeira, serão abordados aspectos teóricos sobre a literatura e a sua potencialidade para a construção de saberes e para o desenvolvimento de habilidades. Na segunda, será apresentada a estrutura da Residência Pedagógica, ou seja, aspectos mais gerais. Na terceira, serão relatadas as atividades, as vivências e as contribuições desse projeto tanto para a minha formação profissional quanto para o desenvolvimento das competências leitora e escritora dos alunos.

A potencialidade da literatura

A leitura e a escrita configuram-se como práticas importantes para o desenvolvimento de um indivíduo e para a sua inclusão na sociedade, uma vez que essas atividades são capazes de torná-lo um ser autônomo e consciente para tomar decisões.

O crítico literário Antonio Candido afirma que a literatura é uma manifestação universal de todos os tempos e de todos os homens. Assim, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Isto é literatura: manifestação artística que permite o indivíduo usar a imaginação, bem como usar a sua capacidade criativa e crítica. Logo, ao imergir na leitura de textos literários, o leitor amplia e enriquece seus conhecimentos, além da atividade de reflexão que a própria leitura já proporciona.

Dessa forma, a literatura configura-se como uma atividade completa na qual o leitor não se comporta somente como um ser passivo, uma vez que a leitura de textos literários proporciona momentos de reflexão, crítica, interpretação e criação. Isto é, o leitor pode aprender e pode despertar o desejo por produzir e construir o seu próprio texto.

Assim, Rildo Cosson complementa dizendo que, na leitura e na escritura do texto literário, somos capazes de encontrar o senso de nós mesmos e também o da nossa comunidade, pois a “literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2018, p. 17). Portanto, por meio da leitura de textos literários, nós nos apropriamos do texto sem renunciar a nossa identidade; é como se fosse uma complementação para o nosso Eu.

Nesse contexto, vemos que o papel da escola não é somente ensinar teorias e fórmulas, pois a ela cabe também essa incumbência de formar leitores. Responsabilidade essa que transpassa para os professores os quais se tornam incentivadores dessa prática de leitura e escrita. Logo, é preciso que a leitura seja vista como uma atividade humana, que haja experiências diversificadas, que haja momentos de compartilhamento e que o professor seja um mediador e instigador, provocando questionamentos e formando indivíduos mais atuantes.

Para tanto, é preciso que a escola como um todo esteja consciente dessa responsabilidade e proporcione leituras além das listadas para exames vestibulares e que sejam mais próximas da realidade dos alunos. Isto é, é preciso que haja variedade de gênero, de autores e de estilos, bem como haja oportunidade para discussões de obras que sejam do repertório dos alunos e, se possível, contextualize com obras do repertório do professor também, uma vez que é importante o educador se mostrar como leitor e proporcionar esses momentos de roda de conversa, de compartilhamento. Assim, a professora Patrícia Nakagome afirma:

Parece-me fundamental que o/a professor/a considere o perfil dos/as alunos/as no momento de planejar atividades de leitura, respeitando e instigando a opinião deles/as sobre os livros. Deve-se também considerar o perfil do/a professor/a, seus interesses e suas opiniões, muitas vezes também ausentes das aulas. Isso não significa, claro, que deve ser incentivado apenas aquilo que está próximo do repertório dos/as estudantes, reforçando o gosto dominante. Não se trata disso. Trata-se de criar condições para que obras valorizadas pelos/as jovens sejam discutidas, de abrir espaço para que eles/elas fundamentem suas avaliações sobre títulos que apreciam e sobre aqueles que apenas se tornam conhecidos no meio escolar. Mais do que tudo, o fundamental é que as obras sejam lidas nas escolas! Não é perda de tempo passar algumas aulas “simplesmente” lendo livros ou instigar a continuação de uma leitura iniciada em sala de aula. Afinal, pensar a formação de leitores é, na realidade, pensar nesses sujeitos fora dos muros escolares. (NAKAGOME, 2018, p. 115)

Dessa forma, vemos o quão é importante que as obras sejam lidas, discutidas e contextualizadas na escola, dando espaço de fala para todos. Portanto, atividades embasadas somente em interpretação de texto, em análise gramatical e pesquisas sobre autor, sobre a época ou sobre resumos da obra não abarcam a grandeza que é mergulhar na obra e desvendar mundos, vidas e estilos. A professora Neide Rezende acrescenta:

Ler e escrever na escola não é tão só aprender uma estrutura, perceber vagamente ou de modo estereotipado um modelo para reproduzir e contorná-lo com alguns fatos verdadeiros ou inventados. Também o professor, para ensinar e mediar o processo, é obrigado a igualmente buscar em si a dimensão do leitor e dar a seus alunos a oportunidade de encontrar-se como leitor na leitura e na escrita – trabalho de extrema dificuldade na educação brasileira, onde falta formação para os professores, condições dignas de trabalho, espaços para exercer a liberdade de ler, escrever e elaborar, no ritmo que esse tipo de atividade requer. (REZENDE, 2018, p. 99)

Por outro lado, também sabemos que o espaço escolar passa por muitos desafios e ainda há muitos objetivos para alcançar. Diante disso, vão surgindo projetos e iniciativas a fim de garantir que a escola seja um espaço para todos, que seja um lugar de vivências. Assim é que surge a Residência Pedagógica, que tem como objetivo proporcionar a integração entre ensino superior e ensino básico por meio de atividades didático-pedagógicas. Logo, é um programa que vem para contribuir na formação de licenciandos e, por isso, precisa ser fomentado e ampliado para que mais estudantes possam participar.

A seguir, veremos alguns aspectos gerais sobre a estrutura e o funcionamento desse programa, as atividades desenvolvidas e as contribuições desse projeto tanto para a minha formação profissional quanto para o desenvolvimento das competências leitora e escritora dos alunos.

Sobre o programa

A Residência Pedagógica, que integra a Política Nacional de Formação de Professores, é um programa implementado pelo MEC e motivado pela Capes. Esse programa visa a imersão de discentes, a partir da segunda metade do curso, em escolas da rede pública, sendo estes orientados por um docente da universidade e por um professor/preceptor da instituição escolar na qual o programa se desenvolve.

A proposta da imersão no ambiente escolar vai além da regência em sala de aula, pois ela abarca outras atividades, como a intervenção pedagógica. No entanto, todas essas atividades devem ser acompanhadas pelo preceptor e orientadas pelo docente orientador da Instituição de Ensino Superior (IES). Além disso, a imersão possibilita ao discente conhecer a estrutura, a organização e a política escolar bem como promove vínculos entre alunos, residentes e preceptores, uma vez que os trabalhos acontecem semanalmente, ou seja, a frequência é bem maior que as atividades de estágio. Dessa forma, o residente tem a oportunidade de conhecer melhor as turmas e de adequar as atividades às necessidades de cada uma delas, tornando, assim, uma experiência mais expressiva.

O programa objetiva: a integração entre a educação superior e a educação básica, a fim de promover o trabalho conjunto entre as duas instituições e estimular “o protagonismo das redes de ensino na formação de professores” (BRASIL, 2018b, p. 1); e o aperfeiçoamento da formação dos licenciandos por meio de atividades didático-pedagógicas que consolidem a teoria com a prática profissional.

Para auxiliar no desenvolvimento das atividades, o programa concede bolsas aos residentes, aos preceptores e aos orientadores da IES, ou seja, dá suporte para que todos os envolvidos tenham condições de participar.

A residência teve início em setembro de 2018. Foram selecionados 25 licenciandos, os quais foram divididos entre 3 preceptores de escolas da rede pública do Plano Piloto/DF, sob supervisão de uma professora orientadora da IES e da coordenação-geral do projeto. Para tanto, nomeou-se o projeto como Teoria e Práticas da Leitura e Escrita Literárias, o qual tinha como objetivo aproximar os conhecimentos teóricos da literatura com a prática da leitura e da escrita literária, com foco na formação de leitores e no exercício da escrita literária.

Além da imersão proposta pelo programa, também ocorreram encontros quinzenais durante o segundo semestre de 2018, nos quais foram discutidos textos teóricos, metodologias e leis, assim como foram elaboradas propostas de intervenção, adaptando às necessidades de cada escola. Do mesmo modo, também ocorreram encontros gerais, com todas as licenciaturas, a fim de compartilhar as experiências.

Desenvolvimento das atividades e suas contribuições

Como dito anteriormente, foram selecionados 25 licenciandos para atuar nas escolas. Dentre essas escolas, mencionarei aqui as atividades desenvolvidas no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, o qual recebeu 8 residentes.

As atividades iniciaram em setembro de 2018. Primeiramente, foram feitas várias reuniões, com a professora orientadora e com os preceptores, a fim de preparar os residentes para a primeira etapa do programa e também para ajustar detalhes, como: frequência, competências, atividades a serem desenvolvidas e outros. A primeira etapa do programa consistiu em observações de aula e ambientação escolar. Para isso, a preceptora propôs que fôssemos à escola antes de iniciar as atividades, o que foi muito interessante, pois pudemos conhecer a estrutura e nos ambientar.

Durante essa fase de observação, pudemos conhecer a metodologia que a preceptora usava em sala de aula e também planejar os próximos passos. Além dessas observações, também mantivemos as reuniões quinzenais, na universidade, juntamente com a professora orientadora, para estudos de textos que tratavam da formação leitora e de metodologias. Isto é, estávamos nos preparando para elaborar propostas de intervenção para a próxima fase do programa (a imersão e a atuação profissional).

No ano seguinte, em 2019, já estávamos ambientados e, então, pudemos atuar. No entanto, a nossa atuação foi para além da sala de aula, pois a preceptora desenvolveu o projeto de laboratório de leitura e escrita e nós passamos a atuar por meio de oficinas.

Inicialmente, buscamos conhecer as necessidades daqueles alunos que estavam frequentando o laboratório, buscamos saber o motivo que os fizeram ir até

aquela sala. Então, procuramos atender a essas necessidades associando práticas e teorias sobre literatura e produção textual.

A escola está localizada na região central de Brasília, no entanto recebe alunos de diversas regiões, inclusive do entorno do Distrito Federal. Eram alunos que saíam cedo de casa para estar ali e, muitas vezes, ficavam esperando pelas oficinas, as quais eram aplicadas no contraturno para não interferir nas aulas regulares.

O laboratório, intitulado Linguagens do Ser, foi além de práticas de leitura e escrita, uma vez que a preceptora trabalhou com variadas vertentes e buscou incluir outras disciplinas, ou seja, fez um trabalho multidisciplinar. Também aproveitou os recursos que a escola dispunha, como: máquinas fotográficas, computadores, materiais escolares, caixas de som, dentre outros, para diversificar e trabalhar com outros tipos de linguagens. A partir disso, tivemos oficinas de fotografia, jornal, cartas, poesias, leitura e escrita, e rodas de conversas.

Essa diversificação de atividades está relacionada com as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a área de linguagens, que diz:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2018a, p. 478)

Da mesma forma, também podemos encontrar essas mesmas vertentes no Currículo em Movimento para a Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal, o qual tem como perspectiva “o fortalecimento da escola pública e da construção de uma educação de qualidade referenciada nos sujeitos sociais” (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 15).

Os conteúdos descritos na matriz curricular da área de Linguagens deste Currículo organizam-se de modo a possibilitar o uso e a compreensão das línguas e das linguagens em termos de esferas discursivas (didáticas, políticas, jornalísticas, artísticas, científicas, burocráticas), de gêneros discursivos, de novos e variados tipos e patamares de letramentos (digital, literário, científico etc.), bem como para legitimar sensibilidade, corpos, movimentos, percepções, sentimentos como importantes na construção de conhecimentos e no processo de aprendizagens. É importante que os conteúdos sejam trabalhados de maneira integrada e coerente com a concepção de linguagem aqui apresentada, conceitos, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes a partir de textos e discursos multimodais,

multimidiáticos e multiculturais presentes em materiais diversificados – impressos e digitais – que circulam na sociedade contemporânea. (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 27)

No entanto, vale ressaltar que é importante trabalhar com a diversidade de textos, mas deve-se saber que eles não são iguais. Por isso, o professor deve estar preparado para essas manifestações artísticas, bem como deve trabalhar com as obras de época, retomando aqueles autores que foram silenciados, e mostrar a sua importância para a nossa remontagem histórica, para a nossa vida. Assim, os autores Marcel Alvaro de Amorim e Tiago Cavalcante da Silva destacam:

Por isso mesmo, faz-se de relevo um movimento de movência entre as obras literárias consideradas canônicas e aquelas que foram e são silenciadas. Nesse sentido, mostra-se capital, em diálogo com a autoria masculina do século XIX, por exemplo, destacar as vozes femininas que ali já produziam, como Corina Coaracy, Chiquinha Gonzaga, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis. (...) É importante, em resumo, que se descentralize o eixo da leitura literária na escola, compreendendo como outras autoras e autores, a partir de outras vivências, (re)existiam na cultura e na história. (AMORIM; SILVA, 2019, p. 175-176)

Outro ponto a destacar é que, durante a leitura desses documentos que estabelecem diretrizes para a educação, pode-se perceber que a palavra *literatura* tem sido apagada. Como exemplo, temos as duas últimas citações nas quais o termo literatura é substituído por “linguagens artísticas”. Sobre essa questão, Marcel Alvaro de Amorim e Tiago Cavalcante da Silva mencionam que na BNCC:

Defende-se a importância do entendimento da língua como discurso, das práticas de linguagem situadas, dos múltiplos letramentos, da centralidade do texto em sala de aula, da proposta pedagógica de escuta/leitura, da análise linguística e produção, do ensino de literatura para além da pura e simples historiografia literária. Verificam-se, contudo, alguns – tímidos – avanços no que se refere, especificamente, ao ensino de literatura, defendendo-se a necessidade de a escola trabalhar com as ditas literaturas ‘marginalizadas e de periferia’, de autoria africana, afro-brasileira, indígena e latina. (AMORIM; SILVA, 2019, p. 155)

Sendo assim, devemos, cada vez mais, lutar para manter viva aquilo que nos dá vida. Portanto, é fundamental que o professor trabalhe com essa diversificação, mas que não contribua para esse esquecimento de obras e autores, que não contribua com o desmonte do livre pensamento, da pluralidade de ideias e do acesso à universidade e à escola, ou seja, que não contribua com o desmonte da educação. Afinal, é a partir da leitura de textos literários que construímos essa bagagem de criticidade e de conhecimentos.

Dessa forma, as atividades foram construídas coletivamente, integrando outras áreas e outras disciplinas de forma que os alunos fossem os protagonistas. Além disso, o laboratório também se tornou um ambiente favorável para leituras, discussões, criações e compartilhamentos, diferentemente da biblioteca da escola em que se requeria silêncio.

Se na sala de aula ou em espaços da escola (sem grades, a escola não deveria ser prisão) for possível estabelecer essa ponte com a cultura praticada pelos jovens, a partir de uma mediação crítica, esclarecida, livre de preconceitos, um passo visceral terá sido dado para ajudar os estudantes a potencializar suas capacidades de leitura e de escrita. (REZENDE, 2018, p. 101)

Então, para evidenciar as contribuições desse projeto tanto para os alunos quanto para a minha formação profissional, relatarei aqui sobre uma das atividades desenvolvidas que, por meio dela, pôde-se perceber como a leitura e a escrita se relacionam e se influenciam, como a leitura de textos literários é capaz de transformar o ser.

Nas oficinas, foram trabalhadas diversas obras literárias, dentre elas: *Sejamos todos feministas*, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, e *Mujer sin miedo*, de Eduardo Galeano. Destaco que as duas obras não foram trabalhadas no mesmo dia nem na mesma oficina, foi um processo que se construiu ao longo dos dias.

Pensar o desenvolvimento de um projeto que tem a literatura tanto como ponto de partida, quanto ponto de chegada, é tarefa que demanda levar em consideração não somente quais gêneros literários serão explorados ou quais os autores escolhidos, mas, também, que concepções políticas sobre ensino estão guiando essas práticas, que visões de mundo o professor estará mobilizando ao propor determinadas atividades e, principalmente, quais expectativas de alunos leitores essas práticas pedagógicas estão (des)legitimando. (ROCHA et al., 2020, p. 166)

Como estávamos trabalhando com as oficinas há uns meses, fomos criando vínculos com os alunos e alguns deles passaram a ir com mais frequência. Dessa forma, algumas alunas se inscreveram no PIBIC para ensino médio e, então, começamos a ler algumas obras juntas. A primeira foi *Sejamos todos feministas*, uma obra curta, mas que já trouxe uma mudança naquele ambiente, uma mudança no modo de olhar e de pensar. Assim, fomos nos redescobrimos, fomos entendendo o mundo feminista e adquirindo vozes e argumentos para discutir a obra e também para escrever. Afinal, sempre discutíamos, analisávamos e as alunas já começavam

a escrever seus textos e suas impressões. Inclusive, isso é uma das perspectivas metodológicas propostas por Cosson (2018), denominada de oficina, em que para cada atividade de leitura é desenvolvida uma atividade de escrita.

Como Rocha et al. (2020) mencionam:

Difícilmente um profissional de educação poderá despertar em seus alunos o interesse por obras literárias se ele próprio não for também um leitor contumaz. Esse desinteresse, por sua vez, é rapidamente percebido pelos alunos que, por não contarem, muitas vezes, com referências de leitores em seu ambiente familiar, acabam também rejeitando a literatura na escola. (ROCHA et al., 2020, p. 168)

Por isso, lemos o livro juntas, para discutirmos juntas. Isso foi extremamente interessante, pois pude confirmar que a obra é única, mas a leitura de cada um é diferente. Cada leitura desperta histórias e experiências particulares, o que torna o debate enriquecedor e, conseqüentemente, leva a produções textuais mais críticas e diversificadas.

Após essas discussões e produções textuais, resolvemos usar uma obra da seleção pública de livros a serem lidos pelos candidatos do Programa de Avaliação Seriada (PAS) que dialogasse com o que já estávamos trabalhando no laboratório. Já era época de pré-vestibular e os alunos estavam ansiosos por esse exame. Então, escolhemos *Mujer sin miedo*, de Eduardo Galeano, uma obra em língua estrangeira que veio para acrescentar a discussão sobre Mulheres.

Dessa forma, trabalhamos com a intertextualidade entre essas obras e também trouxemos textos jornalísticos que tratavam dos temas feminismo e feminicídio. A oficina rendeu boas discussões e bons textos e, então, finalizamos aquele ciclo. Nesse caso, finalizamos apenas o ciclo da residência pedagógica, pois as experiências e as discussões não se encerraram naquela oficina.

Neste ano de 2020, um ano atípico devido à pandemia da Covid-19, resolvi conversar com as alunas e resgatar essa experiência das oficinas. Para tanto, elaborei algumas perguntas e elas contribuíram com opiniões sobre as oficinas, sobre as obras, sobre a leitura e sobre o espaço do laboratório.

As respostas confirmam que essas alunas reconhecem a importância da leitura para o desenvolvimento crítico e também para obter novos conhecimentos e

poder aplicá-los em outras situações, por exemplo, para desenvolver seus próprios textos. Vejamos:

Quando foi perguntado: qual a sua opinião sobre a leitura? A aluna J.A.G.R., de 16 anos, respondeu:

Creio que a leitura é algo que precisa estar vinculado ao nosso dia a dia, pois através dela podemos expandir nossos conhecimentos, nosso vocabulário, conhecer novas visões sobre o mundo e ainda temos a oportunidade de sonhar acordados, viajar ou refletir com as histórias dos livros, artigos, jornais entre outros.

Já aluna C.C.R.L., de 17 anos, também contribuiu dizendo o seguinte:

A leitura é muito importante durante todo o desenvolvimento das pessoas, porque ela ajuda a desenvolver diversas capacidades como interpretação, novos conhecimentos e entre outros.

Ao perguntar se a comunidade escolar (instituição, professores e pais) incentiva a leitura, a aluna F.M.M.R., de 16 anos, disse:

Parcialmente. A escola deve ser um lugar que incentive a leitura, e ela é, na verdade, mas não de um modo geral. Acho que o incentivo à leitura deve estar também em outras disciplinas, além de português, filosofia ou sociologia, o triste é ver que até mesmo nessas disciplinas a leitura é apresentada de modo quase que obrigatório para os alunos, o que faz eles não terem gosto pela coisa. E em relação aos pais, muitos deles não sabem como incentivar os seus filhos a ter um hábito de leitura. O importante para eles, que é mesmo, é saber ler, mas não é o suficiente.

Sobre as oficinas e as rodas de conversas ofertadas no laboratório, a aluna J.A.G.R., de 16 anos, afirmou:

Ter um tempo extra no laboratório já foi uma experiência maravilhosa por si só, mas os residentes deram vida ao laboratório, eles trouxeram um ar criativo, interativo e aconchegante, com certeza aprender com quem está aprendendo é enriquecedor, pois eles entendem bem o que estão ensinando, sem deixar de lembrar como é estar no nosso lugar.

Quando foi perguntado sobre como elas avaliavam a participação no laboratório e quais as contribuições daquele espaço, a aluna C.C.R.L., de 17 anos, destacou:

Considero o meu desenvolvimento bom, pois consegui melhorar em muitos aspectos como o hábito de leitura e tenho menos dificuldade na hora de escrever.

Ao perguntar se a percepção sobre o feminismo havia mudado após a leitura do livro *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda, a aluna C.C.R.L., de 17 anos, respondeu:

Com certeza. O livro da Chimamanda me mostrou que para ser feminista a gente não precisa odiar ou querer acabar com todos os homens do mundo e sim lutar pelos direitos da mulher.

E a aluna B. P. C. M., de 17 anos, afirmou:

Sim, demais. Vejo as coisas de forma diferente, mais clara do que eu via antes e sei falar sobre o tema no meu cotidiano.

Quando foi perguntado sobre o fato de ter tido um espaço de compartilhamento e como tinha sido essa leitura compartilhada, a aluna G. C. T., de 17 anos, respondeu:

É muito importante ter esse espaço já que na sala de aula é raro que ocorram esses momentos.

Já a aluna, B.P.C.M., de 17 anos, acrescentou:

Foi uma forma de podermos debater sobre cada leitura que fizemos e aprendendo uns com os outros, suas ideias e pensamentos isso é muito legal. Compartilhar conhecimentos nossos e ouvir de quem está falando, levamos uma bagagem enorme para o nosso futuro.

Assim, esses relatos confirmam o quanto essas atividades realizadas foram importantes para o desenvolvimento das alunas. Essas declarações mostram que o método de oficinas é algo diversificado no qual se pode desenvolver um trabalho multidisciplinar, no qual podemos trabalhar com uma diversidade de textos e a relação que há entre eles, ou seja, podemos trabalhar as leituras de forma mais profunda. Era essa diversificação que essas alunas tanto buscavam.

Vejam que uma delas citou que foi enriquecedor “aprender com quem estava aprendendo”. Isso nos mostra a importância de o professor sempre buscar novos conhecimentos, de atualizar-se sempre.

Do mesmo modo, essas vivências também foram importantes para o meu desenvolvimento como discente e para a minha atuação profissional. Além de entender a estrutura de uma escola, participando até mesmo de conselhos de classe, também vi que podemos trabalhar por projetos, que podemos usar outros espaços além da sala de aula. A escola é, muitas vezes, um espaço de acolhimento, um lugar onde se cria laços, um lugar de oportunidades onde todos têm algo para contribuir, para acrescentar.

Ter o reconhecimento daqueles alunos e vê-los engajados com as atividades, bem como ter o apoio da preceptora e da orientadora, foi essencial para a completude da residência.

Como dito anteriormente, somente o ciclo da residência que finalizou, pois continuamos quebrando essas barreiras que, muitas vezes, há entre a universidade e a educação básica e voltamos a discutir essas experiências no evento *Aula de Português: desafios, possibilidades e reflexões sobre a prática docente*, realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2020 pelo grupo de pesquisa Literatura e Corpo da Universidade de Brasília. Assim, vamos ocupando outros ambientes para falar dessa potencialidade da literatura.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento das atividades da Residência Pedagógica, pude perceber que a escola vai além de um espaço de ensino de teorias, ela se configura como um espaço de acolhimento, um espaço de vivências e de compartilhamento. Espaço esse que me proporcionou muito além de conhecimentos, ele proporcionou vínculos e transformações.

A transformação começou comigo. Eu, que um dia também fui estudante da rede pública, pude entender como o método de ensino do professor é extremamente importante para despertar o nosso interesse pela leitura e pela escrita. Durante toda a imersão na escola, pude retomar essa minha experiência de estudante do ensino básico e refletir o porquê de ter chegado à universidade sem compreender o verdadeiro valor da literatura.

Hoje, depois de ter vivido essa experiência e juntamente com os conhecimentos adquiridos nas matérias do curso de letras, vejo que eu, como profissional, tenho uma enorme responsabilidade em formar leitores e escritores, tenho o dever de proporcionar aulas prazerosas. Isto é, não devo usar esse modo cristalizado de ensinar literatura em que, muitas vezes, o foco está voltado para atividades de interpretação sem muita contextualização. Devo fazer da sala de aula um espaço de liberdade, de aprender, de saber, de compartilhar e de se preparar para o mundo.

Dessa forma, pude confirmar a potencialidade da literatura, pois é por meio dela que podemos resgatar sentimentos, valores e experiências, além de conhecer épocas, vidas, culturas e despertar para novas criações. Isto é, a partir da leitura de textos literários, apuramos o nosso senso crítico e nos tornamos seres mais atuantes.

Apesar de saber que ainda há muitos desafios e que aspectos sociais, econômicos e políticos influenciam nas práticas escolares, também sei que é possível, sim, desenvolver trabalhos significativos com o texto literário. Para isso, a formação profissional é de extrema relevância para um ensino de qualidade.

Por isso, ressalto, mais uma vez, a importância de fomentar programas como a Residência Pedagógica, pois ele não só insere o licenciando no ambiente escolar como também o prepara para a atuação profissional e possibilita uma troca de aprendizados. Isto é, os residentes podem trazer os seus conhecimentos obtidos na universidade, o professor pode contribuir com a sua experiência de sala de aula e o aluno pode trazer a sua bagagem e, então, criamos um espaço de práticas diversificadas.

Por fim, trago uma fala da escritora bell hooks que resume a mudança que muitos de nós precisamos para trazer práticas mais libertadoras.

[...] somo minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática de liberdade. (HOOKS, 2013, p. 23-24)

Referências

AMORIM, Marcel Álvaro de; SILVA, Tiago Cavalcante da. O ensino de literaturas na BNCC: discursos (re)existências possíveis. In: GERHARDT, Ana Flávia; AMORIM, Marcel Álvaro de (org.). *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 153-179.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018a. p. 478. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Edital Capes nº 06/2018*, Brasília, 2018b. p. 1. Disponível em:

<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/01032018-edital-6-2018-residencia-pedagogica-pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 174.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 17.

DISTRITO FEDERAL. *Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino médio*, Brasília: Secretaria de Estado de Educação Do Distrito Federal (SEEDF), 2018a. p. 27. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/5_ensino_medio.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2020.

DISTRITO FEDERAL. *Pressupostos teóricos*, Brasília: Secretaria de Estado de Educação Do Distrito Federal (SEEDF), 2018b. p. 15. Disponível em: http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/1_pressupostos_teoricos.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 23-24.

NAKAGOME, Patrícia T. Dôssie – Entrevista. *Cadernos RCC#14*, Brasília, v. 5, n. 3, p. 115, ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/download/548/316>. Acesso em: 1º set. 2020.

REZENDE, Neide Luzia de. Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 32, n. 93, p. 93-105, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180032. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152541/149052>. Acesso em: 1º set. 2020.

ROCHA, Alessandra F. Carvalho da *et al.* Democratização da literatura na educação básica: experiências no subprojeto de português e literaturas do Pibid (2018-2020) na UFRJ. *Pontos de Interrogação*, Alagoinhas, v. 10, n. 1, p. 153-174, jan.-jun. 2020.